

TRAGGO TOY

TEORIA E PRÁTICA
DE COMO SER UM ZUMBI

DO AUTOR DE TERRA MORTA: FUGA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Teoria e Prática de Como Ser um Zumbi

Tiago Toy

2013

Tiago Toy é escritor de literatura fantástica e criador da saga Terra Morta, que imagina um incidente “zumbi” no interior de São Paulo. Terra Morta teve início em agosto de 2008 no blog <http://terra-morta.blogspot.com>, antes de os zumbis dominarem a mídia, e foi a precursora e responsável por popularizar o subgênero no Brasil. Considerado o primeiro romance de zumbis nacional de sucesso, teve seu lançamento em dezembro de 2011, angariando ótimas críticas da mídia especializada e de leitores. O primeiro livro da série, subtítulo Fuga, dominou o 1º lugar de Mais Vendidos de Horror da Amazon e venceu como Destaque Literário de 2012 na categoria Distopia, votado por um júri técnico formado por blogueiros e críticos literários. Atualmente, Tiago trabalha na revisão do segundo volume, com lançamento previsto para o final de 2013, na produção do roteiro de uma HQ, e na organização da coletânea Terra Morta – Relatos de Sobrevivência a um Apocalipse Zumbi. Tiago Toy também é colaborador do Boca do Inferno, o maior portal de horror da América Latina, colunista na revista portuguesa Bang!, voltada ao público consumidor de ficção, fantasia e terror, e contista presente na lista de mais vendidos da Amazon.

Conheça o trabalho de Tiago Toy em <http://terra-morta.blogspot.com.br/>

© 2013 Tiago Toy

Todos os direitos reservados

Edição: Tiago Toy

Capa: Tiago Toy

tiago.toy@hotmail.com

facebook.com/tiagotoy

facebook.com/terramortaoficial

Twitter: [@tiago_toy](https://twitter.com/tiago_toy)

about.me/tiagotoy

Não posso me queixar do planeta ter sido tomado por zumbis. As coisas não estavam indo lá muito bem. Violência desmedida imperava, líderes políticos preferiam roubar em vez de ajudar, crianças matavam e não iam a julgamento. O pior eram os programas de TV, uma ofensa à inteligência. Não, minto. Nada superava a música, uma tortura sonora recheada de pornografia e onomatopeias irritantes. Bons tempos os da MPB.

Ninguém sabe de onde os zumbis vieram. Houve todo o tipo de especulações. Uns diziam ser resultado de uma experiência governamental malsucedida; outros, castigo dos céus. Veja aí a eterna desavença entre ciência e religião, defendidas a unhas e dentes por seus seguidores até para provar quem ferrou com tudo. Não tenho uma opinião formada e não sei quem pode estar certo. Tanta porcaria jogada no meio ambiente, rios e mares poluídos, atentados com bombas químicas, o homem brincando de Deus. Sim, pode ser culpa da ciência. Por outro lado, há mais mistérios entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia. Sim, também pode ser castigo divino.

Quando os primeiros casos foram registrados, os ataques foram associados a uma nova droga – como se já não houvesse o bastante. Pessoas mordendo outras, as infectando e transformando. O problema foi quando os mortos saíram dos túmulos. Ninguém estava preparado para aquela merda. Era a versão real de tudo exibido à exaustão pelo cinema, mas mais visceral. Seria cômico se não fosse trágico ver um defunto levantando em seu próprio velório e comendo a tia gorda se debulhando em lágrimas ao lado do caixão. Pode rir. Não vou te julgar.

O governo gastou bilhões na tentativa de reverter a situação criando vacinas, mas, se nem as forças armadas tiveram êxito com suas metralhadoras e tanques de guerra, o que dizer de agentes médicos equipados com seringas? “Vem, zumbzinho, tomar injeção na bundinha”? E o homem ainda se acha inteligente. Por favor. Sem poder contar com o governo, o qual resolveu declarar estado de

emergência tarde demais, provavelmente por puro orgulho, os civis passaram a agir conforme seu instinto. E, convenhamos, instinto humano é uma bela porcaria. Você pensa estar agindo corretamente, mas outra perspectiva mostra o quão errado você, de fato, está. Perdi as contas de quantos prédios, potenciais fortes de resistência, foram desperdiçados graças à burrice do homem. Pra começar, o maior erro era andar em grupos enormes e barulhentos. Era a mãe, a avó, o tio peidorreiro, a tia histérica, os sobrinhos mal educados. A família inteira agia como se estivesse de férias. Bastava chegarem ao local e logo os zumbis o cercavam. Indisciplina e despreparo resultavam em mortes lentas e agonizantes. Quando não, todos queriam governar em uma terra sem lei. Surgiram líderes insanos, governadores psicóticos ou apenas sujeitos armados fazendo de suas armas a nova lei. Nenhum vingou.

Desde antes do Dia Z, como gosto de chamar a data em que os zumbis surgiram, sempre fui um puro nerd, no sentido mais literal da palavra. Passava horas pesquisando sobre eles e continuei até a internet ir para o espaço. Podia não gostar de esportes e aventuras radicais, mas meu cérebro estava preparado para me auxiliar na sobrevivência. Não cometi nenhuma burrice, como andar em grupos grandes como uma ala carnavalesca, nem deixei o pânico me trair. Me juntei a um número mínimo de vizinhos em meu prédio, reunimos nossos recursos, saqueamos os outros apartamentos e nos enfurnamos no último andar. Não adiantava ir para o norte, sul, leste ou oeste. Conhecia bem aquele ditado: "a grama do vizinho é mais verde". Se estava ferrado aqui, estaria lá. Não desperdiçaria minhas energias em viagens sem sentido.

A vista privilegiada nos permitia ver grande parte das construções e toda atividade ao redor. Nos permitiu ver também ondas de humanos lutando por suas vidas, pessoas tentando fugir enquanto outras as puxavam para poder passar na frente. Todas tiveram o mesmo destino, consumidas pela massa crescente de zumbis. O apartamento era propício para resistir. Mas há uma coisa que ninguém te conta sobre sobreviver: é extremamente tedioso.

Havia nove de nós: seis caras e três mulheres. Tínhamos comida para faltar, água, e, caramba, até energia, mas não podíamos acender a luz ou fazer barulho. Essa era uma das orientações divulgadas na mídia, e, confesso que, no fundo, ainda esperávamos o resgate. Enquanto ele não chegava, adotamos certos costumes e acabamos nos acostumando. Sem poder ouvir música ou assistir a DVDs, o pessoal passava muito tempo dormindo, lendo, jogando baralho ou transando. Transavam muito. Mantinham certa disciplina, embora fosse impossível ignorar o rangido das camas; mas não incomodava. Não me envolvia nas políticas sexuais. Era algo extremamente tedioso. Sempre me virei bem com minhas cinco namoradas, e quando a testosterona acumulava era só me esconder em algum dos apartamentos vazios e espremer a baba do quiabo. Apesar disso, observar os zumbis era mais interessante.

Após a guerra inicial, quando as ruas se tornaram livres de humanos saudáveis, os zumbis se limitaram a vagar nos arredores. Alguns serpenteavam preguiçosamente pela rua, outros permaneciam estacados, balançando pra frente e pra trás. Os poucos sobreviventes nos prédios próximos resistiram por algum tempo, mas no fim cometiam algum deslize, e os zumbis os cercavam. Destruíam madeira, vidro, tijolos e cimento, até alcançarem o jantar. Não durava mais de quinze minutos. Ouvíamos disparos e gritos, mas logo voltava ao normal, e os zumbis podiam continuar em sua estadia ociosa pela rua. Mantínhamos as janelas fechadas, mas ainda era possível ouvir um coro de gemidos entoado por centenas, se não milhares de gargantas apodrecidas.

Certa tarde, Paulo e Júlia, os mais jovens, tentaram me provocar. Vieram e transaram em minha cama enquanto eu estava no quarto. Não sei se queriam um ménage ou me irritar, numa tentativa de quebrar a rotina sexual, mas seus grunhidos e contorcidas não me importunaram. Eu estava fascinado assistindo aos últimos vestígios da humanidade se extinguindo e os zumbis começando a perseguir não humanos. Animais passaram a figurar em seu cardápio.

Qualquer coisa com pulso se tornou o ponto central de novos ataques.

Um conhecimento adquirido sobre os zumbis: eles são extremamente racistas. Pode soar ridículo, considerando seus diferentes tons de pele, cores de olhos (quando os têm) e variações de estilo. Você se pergunta como, ainda assim, podem ser preconceituosos. Simples. Nossa individualidade é algo inaceitável. Zumbis são a raça final, a evolução final, a panelinha final. Se você não é um deles, então deve se tornar ou ir para bem longe, pois sua presença é insuportável. Tão logo percebam que você é "diferente", você não se encaixará em seu mundo perfeito. Para eles, a única opção é te forçar a entrar no grupo. Se unem e o convertem. São como religiosos fascistas, fazendo jus à obrigatoriedade de sua existência.

Sim, é exatamente o que parece. Eu estava estudando a nova espécie. Estava aprendendo como ser um zumbi.

• • •

Pouco mais de um mês se passou até a comida dar indícios de sua curta durabilidade. Aliás, o tédio da sobrevivência se deu, em grande parte, pela comida. Imagine comer todo santo dia a mesma gororoba. Comida enlatada fria, água engarrafada ou refrigerante quente. Cedo ou tarde soa um alarme no cérebro, dando o sinal para cometer alguma burrada, a fim de sair da monotonia. Senti falta de Doritos e Coca-Cola, mas nada forte o bastante para me fazer cometer a mesma idiotice de Leo e Natália.

Eles eram o único casal já formado antes de nos abrigarmos no apartamento, e passavam a maior parte do tempo juntos. Nunca os vi brigando, então, suponho que ambos tenham concordado com o plano antes de o anunciarem. Era bem simples: sair e, sobre os prédios vizinhos, fugir. O grupo tentou convencê-los de que não seria uma boa ideia. Consegui um tempo a sós com o casal e os encorajei a continuar. Havia semanas que as ruas estavam carentes de atividade humana, e daquele modo não conseguiria informações

importantes sobre o comportamento dos zumbis. Eles continuavam vagando em círculos, seguindo os companheiros em direções aleatórias, mas nada produtivo. Tinha esperanças de descobrir tópicos frescos para minha pesquisa com a investida de Leo e Natália. Queria ver sua reação diante de humanos após tanto tempo. Eu sei, foi egoísmo de minha parte. Jogue uma pedra.

Os preparativos não duraram muito; o casal estava ansioso para deixar o apartamento. Admito ter me surpreendido em quão longe eles chegaram. No entanto, toda sua habilidade não foi suficiente. Não entendi se foi o cheiro, visão ou algum sentido especial adquirido com a zumbificação, mas quase instantaneamente a multidão notou sua presença. Os mais próximos ergueram as cabeças e seguiram em sua direção, acompanhados dos outros. Logo, todos os zumbis à vista marchavam, enquanto emitiam o mórbido gemido multiplicado milhares de vezes.

Leo e Natália chegaram longe, não posso negar, mas no quinto prédio o plano foi por água abaixo. Como eu disse, praticamente todas as construções à vista foram invadidas por grupos de sobreviventes e tomadas em seguida pela horda apodrecida. Tão logo a comida acabava, eles se contentavam em admirar o chão por horas a fio. Não estavam somente nas ruas: havia zumbis nos mais altos andares das torres. Subindo em uma sacada no mencionado prédio, Leo se descuidou e deu as costas para uma porta escancarada. Do interior surgiu um zumbi e, por mais lento que fosse, foi rápido em cravar os dentes no pescoço de Leo. Natália se assustou e escorregou, ficando pendurada, balançando as pernas sem apoio e, o pior, gritando. Leo foi puxado por diversas mãos para dentro do lugar, seus gritos de agonia não durando muito, enquanto o primeiro agarrou o braço de Natália e o abocanhou. Foi o suficiente para ela se soltar, levando consigo o zumbi. Os dois caíram sobre a multidão e sumiram. Tão repentino quanto começou, os zumbis voltaram a vagar em círculos, perdidos em seus próprios pensamentos. Ou na falta deles.

Diferente de tudo assimilado sobre os zumbis, acreditava ter feito a maior das descobertas. Não eram apenas um monte de carne pútrida rastejando em busca de carne. Definitivamente, possuíam alguma habilidade sensitiva, a responsável pela comunicação entre eles. Leo e Natália estavam a uma distância vantajosa. Tudo bem, eles não se preocuparam em se esconder, mas nem todos os zumbis poderiam vê-los. Alguns os veriam, com certeza, e foram esses que informaram sobre os intrusos em seu habitat. Zumbis são lentos e não parecem capazes de muito, mas tudo muda quando um não zumbi atrai sua atenção. Eles nunca hesitam, e, tão logo descobrem algo para atacar, gemem e vão atrás. Os outros, ouvindo os colegas, os acompanham nos gemidos e na direção. Se transforma em uma maré, contagiando a todos, e logo você tem dois quarteirões carregados de zumbis em seu encalço. Havia um jeito de usar isso a meu favor, mas antes queria ver o quão guiada podia ser essa maré. Se espalhariam diante de múltiplas presas, ou seria algo como “quem chegar primeiro, come”?

A chance de descobrir veio um dia após a morte de Leo e Natália, em uma experiência de borrar as calças. Percebi os gemidos repentinamente se intensificando e, de uma hora pra outra, os zumbis começaram a seguir pela avenida, uma procissão de cabeças putrefatas. Ouvi também um som distinto e não o reconheci de imediato, mas, à medida que se aproximava, descobri se tratar de uma sirene. Ajustei o binóculo e vi, lá longe, um veículo vindo a toda, arremessando zumbis para o alto como pinos de boliche. Seguia na direção do prédio. Era minha chance.

Passei pela sala, onde todos dormiam exaustos após a habitual orgia, e disparei pelas escadas, chegando rapidamente ao saguão. Estava excitado demais para me sentir cansado por umas centenas de degraus. Pela vidraça da porta observei. Eu estava certo. Até os zumbis mais afastados seguiam na mesma direção. Podiam não ter ouvido a sirene, mas ouviram os gemidos dos companheiros. Antes de continuar, me certifiquei de não ter sido visto. Então, abri o portão e saí para a calçada.

Me senti insignificante diante de tamanho desprezo. A onda de cadáveres continuava o curso, alheia à minha presença. Sobre o horizonte de crânios divisei corpos sendo jogados para o alto, e o ronco do motor, ainda que potente, quase foi sobrepujado pelo coro dos mortos. Acompanhei seu trajeto pela avenida, até ele sumir na esquina. Os zumbis só queriam o bendito veículo; simplesmente, não se importaram comigo... Por muito tempo. Pode ter sido algum movimento brusco ou meu cheiro, mas um deles me notou. Seu olhar era vago. Sim, ele estava me encarando, mas, de um modo inexplicável, não estava me olhando. Imaginei se ele me observava com tanta curiosidade quanto eu sentia naquele momento. Nunca estive tão perto de um zumbi. Era como uma criança flagrando o Papai Noel saindo da chaminé.

Voltei a mim quando vi suas mãos esticadas em minha direção. A boca se arreganhou em uma careta deformada, liberando um som gutural e um punhado de moscas. Os zumbis mais próximos ouviram seu grunhido e pareceram desorientados por um breve momento, para logo depois também mudarem o trajeto. Era como uma única gota mudando todo o curso de um rio. Por mais maravilhado, ainda não era hora de clamar por meu lugar ao grupo, e corri de volta ao saguão. Escondido atrás da mesa do porteiro, os assisti se aglomerarem ao redor do portão, o balançando violentamente. Felizmente, a grade era pesada e não cedeu. A investida não durou muito. Sem me verem ou ouvirem, aos poucos, perderam a vontade de entrar. Um a um desistiram e voltaram a acompanhar a maioria. O último soltou a grade e pendeu os braços moles ao lado do corpo, a cabeça procurando qualquer coisa. Parecia alguém sem propósito, sem um foco, sem aceitação. Era como se tivesse sido expulso de seu grupo, mas isso mudou ao ouvir os companheiros gemendo e insistindo em perseguir a viatura – não necessariamente esperando alcançá-la, pois, naquela altura do campeonato, já estava bem longe. O zumbi se virou e voltou ao grupo, todos unidos por um mesmo ideal.

Me senti prestes a descobrir como funcionava sua mente e precisava compartilhar com o grupo. Eles ainda não estavam preparados, ou desesperados, para aceitarem minha proposta, mas logo estariam.

• • •

Uma semana se passou e o maior temor do grupo se tornou realidade: a comida acabou. Ouvi quando se reuniram para vasculhar os apartamentos. A fome os fez esquecer nossa primeira coleta, quando confiscamos todo e qualquer alimento disponível. Sem energia ou refrigeração, nada resistiria por tanto tempo. Eduardo, o maior e autointitulado líder, entrou, batendo os pés, em meu quarto, vociferando contra minha preguiça, o tempo todo com o rabo sentado naquela janela, coçando o saco, comendo e bebendo de graça enquanto eles se arriscaram para manter a despensa cheia. Percebi naquele instante o quão ridiculamente famintos eles estavam. Era minha deixa.

Me defendi, argumentando estar estudando os zumbis, e sabia o bastante para poder ir à loja de conveniência do outro lado da rua e conseguir mais comida. Apesar da expressão desconfiada, enxerguei um brilho em seus olhos, e contei meu plano. Se baseava em sequestrar um zumbi “vivo”, sem levantar suspeitas. Expliquei o motivo a Eduardo e aguardei enquanto ele repassava as informações ao resto do grupo. Após xingamentos direcionados a mim, como previra, minha proposta foi aceita e Eduardo me acompanhou para dar início ao plano.

O sequestro não apresentou maiores dificuldades. Por sorte ou acaso, havia um de costas para o portão, facilitando a investida. Com uma toalha de algodão enrolamos sua cabeça, evitando mordidas e abafando seus lamentos, e o arrastamos para o interior do prédio. Não sabia se ocorreria alguma mudança em seu organismo caso o matássemos de vez, então o amarramos. Empurrei duas meias enroladas fundo em sua garganta e ganhei algum tempo para apresentar razões de não ser indicado a ser o rato de minha tese. Primeiro, porque não era forte e ágil como eles – massagear o

ego de um homem é o segredo –, e, segundo, porque não podia me limitar na observação do comportamento dos zumbis naquele momento. Não tenho certeza se atingi seu senso ou seu ego, mas funcionou, e consegui dois voluntários: o próprio Eduardo e Carlos, um rapaz com estilo de skatista. Não me lembro de termos trocado qualquer palavra antes daquilo.

Homens serão sempre homens e farão de tudo para não demonstrarem diversas emoções diante de mulheres. Nojo é uma delas. Enquanto o zumbi se debatia brandamente, não parecendo sentir dor quando sua barriga era aberta com uma faca de cozinha, Eduardo e Carlos se esforçaram para não torcer o nariz ao puxarem órgãos de seu interior. Percebi leves arrepios nos dois quando se cobriram com o sangue infectado. O cheiro era incômodo, mas nada difícil de se acostumar – diferentemente do que ocorria com as garotas, inclusive, provocando um jorro de vômito em uma delas. No fim, Eduardo e Carlos pareciam açougueiros encerrando o expediente de sábado. Passei as instruções duas vezes. Se as seguissem com exatidão, o grupo teria comida para mais um mês, e eu, um belo avanço em meu estudo.

Acompanhei seus passos em meio à multidão. Conforme os orientei, andaram bem devagar, o olhar grudado no chão. Exatamente como previ, os zumbis perceberam sua movimentação e passaram a seguir no mesmo sentido. Precisei lembrar ao grupo que não os estavam caçando; estavam acompanhando, como sempre fizeram entre si. Senti imensa alegria ao confirmar o já confirmado, e fiquei extremamente satisfeito em ver Eduardo e Carlos seguindo o plano com sucesso. Infelizmente, até certo ponto. A poucos metros da loja de conveniência, viram pelo reflexo da vidraça a turba de zumbis em sua cola. Carlos esqueceu completamente minhas dicas e entrou em pânico, estragando o disfarce. Gritou e tentou correr para a loja, socando e chutando a porta, mas foi pego por mãos ossudas antes de entrar. Eduardo foi um pouco mais esperto e manteve a atuação, mas foi descoberto quando um zumbi, com os dedos de Carlos entre os dentes, percebeu que ele não estava comendo também. Eduardo

foi cercado e, antes de seus gritos se extinguirem, senti um puxão na gola da camiseta.

As mulheres gritaram próximas ao meu rosto, a ponto de poder sentir seu mau hálito. Me acusaram de ter enganado Eduardo e Carlos, de tê-los induzido à tarefa homicida apenas porque as queria pra mim. Orientei-as a diminuírem o tom de voz, ou os zumbis as ouviriam. Expliquei não ser nada daquilo. A culpa fora exclusivamente deles, péssimos atores, incapazes de agir zumbificamente bem o suficiente. Com isso dito, elas me deram as costas, seguidas por Fernando, um quarentão com ar de galã de novela mexicana. No dia seguinte, os três foram embora, me deixando sozinho. Eu daria continuidade ao plano, e, daquela vez, do jeito certo.

Apesar de ter arriscado ser espancado pelas garotas, meu argumento fora sério. Eduardo e Carlos não haviam dado o melhor em suas atuações. Meu plano fora perfeito. Fernando e as garotas deixaram o prédio e se dirigiram ao estacionamento, levando consigo a horda faminta. Não pude ver como um deles foi abatido, mas apenas dois chegaram à caminhonete. Não sei se era um casal ou duas mulheres, e não importava. O importante era o efeito do som do motor. Grande parte dos zumbis o seguiu e se distanciou dos arredores. Não longe *longe*, pois, assim que o motivo por estarem seguindo naquela direção sumiu de vista, eles pararam e voltaram ao ócio. Pelo menos estavam algumas quadras mais adiante.

O zumbi sequestrado continuava vivo, ao seu modo, e me serviu bem. Com alguns cadarços improvisei uma *nunchaku* de braços e a pendurei no pescoço, as mãos enfiadas nos bolsos de meu jeans. Cobri toda minha roupa com sangue e esfreguei alguns órgãos na pele. Diante do espelho admirei minha aparência. Treinando um pouco, me senti praticamente da família. Restava saber se me aceitariam como membro. Ansioso como se estivesse indo a um encontro romântico – algo em que nunca havia me dado muito bem –, deixei o apartamento.

Fiquei parado na calçada por um minuto inteiro e então comecei a ser zumbi. Ombros caídos, olhos fixos no chão, um sutil gemido no fundo da garganta e passos lentos. Muito lentos. Para alcançar o meio da rua levei quase uma hora. Não podia arriscar, precisava andar devagar, quase parando. Em determinados momentos permaneci imóvel por um tempo. Estava surpreso em quão bom aquilo era. Sempre me interessara por yoga e todas aquelas técnicas de relaxamento, mas nunca parara pra praticar. Andar como um zumbi era o que eu tinha em mente: relaxante. Não havia pressa para chegar a algum lugar. Pela primeira vez na vida, me senti conectado comigo. Precisei me certificar de estar agindo bem zumbi e não me deixar levar pelo êxtase. Eles continuavam parados. A cada movimento meu, ouvia seus pés se arrastando atrás de mim. Seguiam para qualquer direção que eu fosse. Normal. Bastava parar e eles também parariam. Antes do Dia Z, como todo bom nerd, eu não era lá muito bom em fazer parte de grupos. Excluído, avacalhado, desprezado. Naquele momento me senti como se estivesse descobrindo os segredos de ser popular. Me senti aceito.

Metade do dia havia se passado quando alcancei a loja de conveniência. Pela vidraça, os vi caminhando em minha direção. Lentamente me virei e fiz a estátua. Depois, dei alguns passos na direção contrária e eles me imitaram, me dando as costas. Foi a oportunidade para entrar. Aliviei a dor em meu estômago devorando toda sorte de porcarias disponíveis. Enchi uma mochila até quase estourar, tomando cuidado para não levar nada barulhento, como pacotes de salgadinhos.

A travessia de volta foi vagarosa e tranquila. Duas vezes passei por um triz de ser descoberto, quando cheiraram ao meu redor, mas logo desistiram. A salvo no apartamento, repus o estoque e corri à janela para observar. Foi impossível reprimir um sorriso de satisfação.

Eu sobreviveria como um deles.

• • •

Aquela primeira viagem provou que podia ser feito, mas exigia demais dos nervos e muito trabalho. Era preciso adotar novos costumes para me certificar de que poderia me misturar aos meus irmãos zumbis com êxito garantido. A primeira coisa a fazer era parar de tomar banho. O sangue me dava uma ótima cobertura, mas havia o risco de uma faísca de meu cheirinho apetitoso vazarem. Nada muito difícil de me habituar. Em certo ponto percebi o quão desnecessário era me limpar. O banheiro só serviria para uma função dali em diante.

O mais penoso foi mudar o modo de andar. Levou um tempo para aprender quando devia cambalear, arrastar os pés ou ficar imóvel. Minha mente continuava trabalhando no modo turbo e diversas vezes quase me movi repentinamente demais, por distração. O zen budista mais avançado invejaria a falta de pensamentos desenvolvida ao longo de meu aprendizado. Na verdade, era bem relaxante. Podia levar três horas para atravessar três quarteirões, entre paradas, esperas e lentas caminhadas, até descobrir aonde desejava ir.

Houve um momento assustador em particular. Foi quando algo provocou um ataque. Quase fui descoberto quando os zumbis começaram a passar por mim, seguindo em um rumo específico. Foram necessários alguns segundos para eu perceber, segundos que quase custaram minha vida, quando começaram a notar o fato de eu não os estar acompanhando na caçada. Como se fossem héteros assobiando e gritando obscenidades a alguma garota, e eu fosse o homossexual enrustido que precisava assobiar também para garantir meu lugar ao grupo e não ser espancado. Por um triz me virei e os segui, quase rápido demais. Felizmente, minha atuação logo em seguida foi boa o bastante para permitir me mesclar novamente. Me dei conta de não ter precisado atacar nada todo aquele tempo. Precisava apenas seguir na direção dominante e ser um pouco mais lento, me autossabotando em conseguir um tasco da caça. Quando finalmente a alcançava, raramente conseguia distinguir sua origem,

se gente ou bicho. Também não era preciso me preocupar em roer os ossos; eles nunca faziam isso.

No começo, me deu pena ver cães e gatos sendo dilacerados, mas, depois de algumas poucas vezes assistindo à carne sendo partida e órgãos estripados, meu estômago parou de revirar. Uma vez pensei ter visto um urso de pelúcia em meio a um monte de ossos e tripas, mas tentei não imaginar a história por trás do símbolo. Alguém simplesmente fora diferente demais para viver entre nós. Minhas roupas de mangas compridas impediam que sentissem o calor de meu corpo quando esbarravam em mim, e, para não descobrirem minha respiração, bastava gemer um bocado. Tudo terminava bem.

Todo aquele monocórdio vai e vem me levou aos mais diversos lugares da cidade. Nem me dei conta de quando não senti mais vontade de voltar ao velho apartamento, e se tornou costumeiro dormir em residências abandonadas ou qualquer outro lugar fora de vista. Era um estilo de vida simples, algo nunca experimentado e eu não poderia pedir por mais. Além do mais, era melhor ser diferente do que ser partido ao meio.

Perdi as contas de quanto tempo vivi assim. Em meus poucos momentos particulares, preferia manter anotações sobre minha vida entre os zumbis, quantos pareciam vagar pela cidade e a frequência dos ataques a manter um calendário. Passei a inventar nomes para meus novos amigos; não podia esperar por apresentações. Percebi também que eles não eram totalmente cabeças-ocas. Apenas faziam a Maria-vai-com-as-outras. Na maior parte do tempo isso queria dizer fazer absolutamente nada, mas, vez ou outra, um tinha uma ideia e todos o acompanhariam nela. Não sei quais ideias poderiam ser exatamente, mas mais de uma vez me encontrei preso em alguma construção abandonada depois de seguir um deles, decidido a entrar. No fim das contas, não havia motivo pra sair.

Outra descoberta: alguns ainda possuíam pelo menos uma lasca de miolos sobrando. Esses sortudos podiam girar maçanetas ou subir degraus sem tropeçar. Nunca saberei se possuem vestígios de sua

vida anterior, mas, em caso positivo, não seria nada especial, pois no fim do dia não eram diferentes do resto do grupo. Particularmente, eu estava confortável – se não feliz. Estava vivendo um dia de cada vez, lentamente percebendo como a nova vida era melhor. Pude notar como destruíam tudo de diferente com potencial para arruinar sua perfeição e simplicidade.

Ter acesso a esse conhecimento me preparou para um próximo incidente, quando meu disfarce quase foi descoberto.

• • •

Eu vagava próximo a um enorme templo com meus amigos. No passado, aquele lugar servira para reuniões superlotadas, onde opiniões eram formadas e enfiadas nas cabeças dos mais fracos. Estávamos naquela região há algumas semanas. Nada especial havia nos incitado a seguir para outra parte da cidade. Não estranhei quando uma figura masculina cambaleante e esfarrapada se aproximou de mim. Aquilo não era incomum. Não era raro um zumbi se encostar em outro. O que me assustou foi o som suave vindo de seus lábios.

"Oi."

Enrijeci ao ouvir uma voz após tanto tempo. Não era um zumbi, e, mesmo diante da falta de resposta, continuou falando comigo.

"Ei, nós temos te observado. Você não é um deles, eu sei. Você é como eu, descobriu como se enturmar."

Continuei calado e arrisquei uma olhada ligeira ao redor. Não pareciam ter escutado os sussurros insistentes do falso zumbi.

"Vamos! Há um lugar seguro. Nós podemos te limpar e alimentar."

Ele não desistiria. Eu também tinha um lugar seguro: ali, entre os zumbis. O infeliz continuou cochichando, e foi quando um deles nos viu juntos, motivando-se a arrastar os pés até nós.

"Há outros. Nosso grupo é grande. É bem legal e confortável."

Outros perceberam a movimentação do primeiro, e, naquele ponto, todos estavam ouvindo o convite do intruso. Aquele filho da mãe estava prestes a estragar meu plano, após tanto esforço. Aquela boca não se calaria, só continuava a sussurrar e sussurrar sem parar. Um arco de zumbis se aproximava, seguido por outro maior. A qualquer segundo atacariam e saberiam que eu não era um deles. Então, fiz a única coisa que poderia. Eu o mordi.

Devo tê-lo pego de surpresa, pois levou um tempo para seus olhos se arregalarem e o grito ecoar após cravar os dentes em seu pescoço e arrancar um pedaço de sua carne. O sangue fluiu pela minha boca. Era quente e de um curioso sabor de cobre. Joguei meu peso sobre ele e o derrubei ao chão. Levei algumas bordoadas no rosto, enquanto ele esperneava e tentava se livrar de mim, mas eu não estava apodrecendo, o que me dava certa vantagem em segurar seus braços à espera dos outros, os gemidos se aproximando. Me certifiquei de arrancar mais um pedaço de seu braço quando nos cercaram. Precisavam me ver como um deles. Dezenas de mãos cobertas de vermes o agarraram e fileiras de dentes lascados o estripavam como um boi de piranha. Seus gritos cessaram apenas quando sua cabeça foi separada do pescoço.

Eu estava no centro da multidão. Encaixado. Soube que aquele era meu lugar quando rasguei o pescoço do humano e o senti sendo mastigado em minha boca. Quando o banquete terminou, me levantei com os outros. Aquela era minha vida. Me senti acolhido quando me afundei em meio à multidão. Estava entre meu povo. Estava entre os zumbis.

Fim

Tem alguma crítica, elogio ou apenas quer dizer um oi para o autor (eu)? Sinta à vontade para enviar um email para tiago.toy@hotmail.com. Ficarei feliz em responder.

Apoie o autor (eu de novo) e divulgue a história que acabou de ler para seus amigos. Deixe também um comentário na Amazon para que outros leitores possam conhecer a opinião de quem já leu.

A literatura nacional (e eu, mais uma vez) conta com seu apoio.

Obrigado!